

# BREVE REFLEXÃO SOBRE AS AÇÕES DE INFORMAÇÃO NO LABORATÓRIO DE TECNOLOGIAS INTELECTUAIS – LT*i*<sup>1</sup>

Isa Maria Freire\*

## RESUMO

Apresenta uma reflexão sobre o regime de informação no Projeto Laboratório de Tecnologias Intelectuais – LT*i* do Departamento de Ciência da Informação da Universidade Federal da Paraíba. Compartilha resultados de pesquisa com o objetivo de teorizar, discutir e avaliar as ações de informação em desenvolvimento no LT*i* e analisa as atividades a partir do modelo de regime de informação proposto por González de Gómez. Resume o quadro teórico-metodológico que abrange a abordagem do regime de informação, o escopo e procedimentos da pesquisa, e descreve a rede de projetos do LT*i* na perspectiva dos estratos e modalidades das ações de informação, bem como dos seus atores sociais.

**Palavras-chave:** Rede conceitual. Regime de informação. Ações de informação. Políticas de informação. Laboratório de Tecnologias Intelectuais – LT*i*.

## 1 INTRODUÇÃO

O presente trabalho resulta de um processo de reflexão sobre as ações de pesquisa – ensino – extensão em curso no Projeto Laboratório de Tecnologias Intelectuais – LT*i*, em desenvolvimento no Departamento de Ciência da Informação da Universidade Federal da Paraíba - UFPB. O Projeto LT*i* tem como objetivo geral desenhar, testar e propor um modelo de ação de informação para criação de espaços de produção e compartilhamento de conhecimento científico na web.

O Projeto LT*i* iniciou suas atividades em 2009, com apoio do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), através do edital Ciências Humanas CNPq - Capes, do edital Universal e do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica (PIBIC Graduação e Ensino Médio) da UFPB. Seu propósito contribuir para a formação acadêmica nos cursos de graduação e pós-graduação da UFPB, a partir da experiência de integração entre atividades de pesquisa, ensino e extensão, de modo a atender demandas de informação da comunidade acadêmica e, mesmo, da sociedade em geral.

A fundamentação teórica e os recursos desenvolvidos pelo Projeto LT*i* para a web estão disponíveis em <<http://www.lti.pro.br>>.

---

<sup>1</sup> Pesquisa financiada pelo CNPq.

\* Doutora em Ciência da Informação pela Universidade Federal do Rio de Janeiro, Brasil. Docente do Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação da Universidade Federal da Paraíba. Coordenadora da Rede de Projetos do Laboratório de Tecnologias Intelectuais – LT*i*. Bolsista de Produtividade do CNPq – Nível 2. MPMGOA, João Pessoa, v. 4, n. 1, p. 45-58, 2015

## 2 A REDE CONCEITUAL

Nossa abordagem se fundamenta na proposta de Wersig (1993) para a Ciência da Informação, sugerindo uma estrutura teórica que considerasse menos a formulação de leis gerais e mais a de estratégias de ação, mediante uma abordagem de entrelaçamento de conceitos científicos. Dessa forma, seria tecida uma rede de conceitos da Ciência da Informação, a partir da qual abordagens teóricas e metodológicas poderiam se encontrar e entretecer outros fios conceituais, “fazendo a rede ainda mais inclusiva e mais apertada, de modo a aumentar seu caráter científico” (WERSIG, 1993, p. 232).

Este modelo de abordagem teórica na Ciência da Informação foi aplicado por Freire (2001) para demonstrar a responsabilidade social da Ciência da Informação na sociedade contemporânea, construto que constitui o *atrator conceitual* do Projeto LT*i* e a partir do qual será urdido um contexto em cuja trama se destacam — dentre outros também relevantes —, os construtos de ‘tecnologias intelectuais’ e de ‘regime de informação’. Seguindo o modelo de Pierre Lévy (1994, p. 42) consideramos tecnologias intelectuais

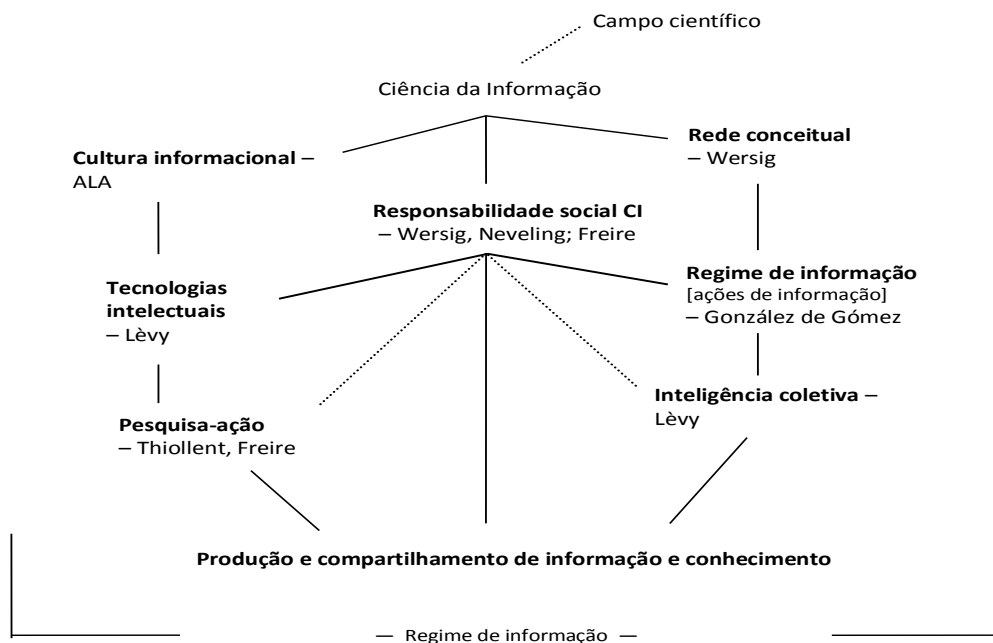
[...] tanto as formas de expressão simbólica (que, p.ex., evoluíram das narrativas míticas às equações quânticas) quanto as tecnologias de informação em si mesmas (p.ex., a escrita em tabuinhas de barro, as iluminuras medievais, a imprensa e os computadores). Podemos chamá-las, também, de ‘tecnologias soft’ em contraponto às tecnologias de produção material (que evoluíram, p.ex., desde o machado de pedra até os satélites de comunicação).

Ainda de acordo com Lévy (1994, p. 42), essas tecnologias intelectuais

[...] situam-se **fora** dos sujeitos cognitivos, como este computador sobre minha mesa ou este [texto] em suas mãos. Mas elas também estão **entre** os sujeitos como códigos compartilhados, textos que circulam, programas que copiamos, imagens que imprimimos e transmitimos por via hertziana. [...] As tecnologias intelectuais estão ainda **nos** sujeitos, através da imaginação e da aprendizagem. (Grifos nossos).

No modelo em aplicação no LT*i*, a rede conceitual tem como ‘atrator’ o construto de ‘responsabilidade social da Ciência da Informação’, com um papel central entre os demais construtos da rede, os quais assumem funções *teóricas*, como no caso de ‘rede conceitual’, ‘regime de informação’ e ‘inteligência coletiva’; *metodológicas*, como no caso do construto ‘pesquisa-ação’; ou *operacionais*, como no caso dos construtos ‘tecnologias intelectuais’ e ‘cultura informacional’. Na Figura 1, a seguir, descrevemos a rede conceitual do Projeto LT*i*:

**Figura 1** – Rede conceitual do Projeto LT*i*



Fonte: Adaptado de Wersig, 1993. FREIRE, 2012. Projeto L*Ti*. Notas de trabalho.

Como não poderia deixar de ser, a trama da nossa rede conceitual é tecida no espaço social da contemporaneidade, que se realiza no mundo da vida das sociedades humanas e no mundo virtual das comunidades constituídas no ciberespaço<sup>2</sup> mediante a Internet. É nesse contexto que se desenvolvem as ações no regime de informação do Projeto L*Ti*.

## 2.1 O CONTEXTO DO REGIME DE INFORMAÇÃO

Certamente podemos dizer que a principal característica da sociedade em que vivemos é a abundância da informação disponível na Internet. Para Unger e Freire (2008), trata-se de uma sociedade que resulta de inovações nas tecnologias de informação e comunicação, embora sua importância e influência seja desigualmente distribuída nos diferentes estratos sociais e regiões geográficas.

Nessa nova ordem econômica mundial, que se anuncia nas explanações científicas e na economia das tecnologias digitais, é que ocorre a “nova relevância de um fenômeno antigo” (WERSIG e NEVELING, 1975 citados por Freire, 2001) e o *regime de informação*, com seus sistemas de informação e linguagens documentárias, inicia sua hegemonia sobre o regime industrial, na sociedade contemporânea. (UNGER; FREIRE, 2008, p.85. Grifos nossos)

<sup>2</sup> Para Lévy (1999, p.36, grifo do autor), “o ciberespaço [também chamado de **rede**] é o novo meio de comunicação que surge da interconexão mundial dos computadores. O termo especifica não apenas a infraestrutura material da comunicação digital, mas também o universo oceânico de informações que ela abriga, assim como os seres humanos que navegam e alimentam esse universo.”

Para Frohmann (1995), o regime de informação pode ser definido como “qualquer sistema estável ou rede nos quais os fluxos informacionais transitam por determinados canais [de específicos produtores, via estruturas organizacionais específicas] para consumidores ou usuários específicos” (UNGER; FREIRE, 2008, p. 87). Considerando a relevância dos regimes de informação na sociedade contemporânea, Frohmann (1995) afirma que os estudos visando sua clara representação — como se originam e se estabilizam, como determinam as relações sociais e como são exercidas as formas de poder em e através deles — são um “legítimo e premente objetivo na pesquisa em política de informação”.

González de Gómez, por sua vez, trabalha o conceito de regime de informação na concepção de dispositivo<sup>3</sup> de Michel Foucault, definindo-o como

Um modo de produção informacional dominante numa formação social, conforme o qual serão definidos sujeitos, instituições, regras e autoridades informacionais, os meios e os recursos preferenciais de informação, os padrões de excelência e os arranjos organizacionais de seu processamento seletivo, seus dispositivos de preservação e distribuição” (GONZÁLEZ DE GÓMEZ, 2002, p. 34).

Nesse quadro de referência, acompanhamos a interpretação de Unger e Freire (2008) quando destacam que é no meio ambiente de trocas materiais (econômicas, tecnológicas, culturais) que ocorrem as relações entre os seres humanos com necessidades informacionais e as fontes de informação e conhecimento relevantes. Os autores acrescentam que regimes são compostos fisicamente por:

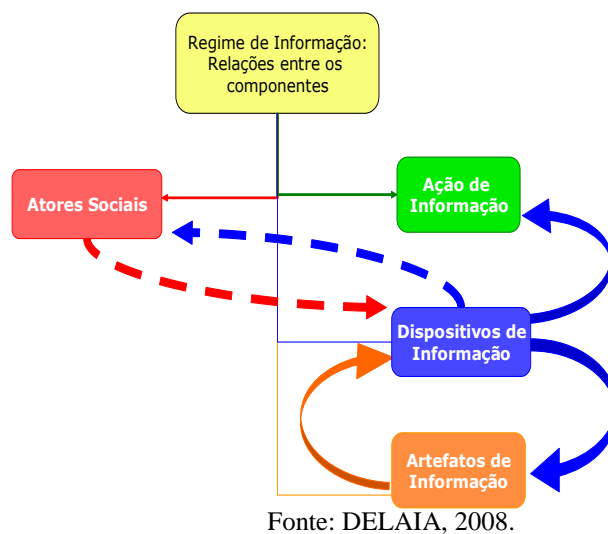
- estoques de informação (produzidos e disseminados no escopo dos sistemas de informação);
- diretrizes políticas e práticas de gestão que direcionam e organizam os conteúdos informacionais abrigados nos sistemas de informação;
- seres humanos e suas necessidades informacionais;
- ambiente social em que os estoques de informação e os seres humanos que os utilizam se inserem;
- os mecanismos de distribuição do acesso à informação;
- os meios físicos que permitem o ir e vir da informação (unidades de informação, rede Internet). (UNGER; FREIRE, 2008)

Utilizando um recurso gráfico, Delaia (2008) reuniu e descreveu os elementos de um regime de informação, destacando as relações entre os seus componentes, como segue:

---

<sup>3</sup> Etimologicamente, o termo latino *dispositio* seria a tradução do termo grego *diathesis*; é definido na filosofia moderna como aquilo que facilita, faz algo possível ou limita as possibilidades de algo. MPGOA, João Pessoa, v. 4, n. 1, p. 45-58, 2015

**Figura 1** – Representação gráfica dos elementos de um regime de informação



Delaia (2008) descreve esses componentes, a partir de suas respectivas definições por González de Gómez:

- a) os **Dispositivos de informação**, os quais podem ser considerados um mecanismo operacional, ou um conjunto de meios composto de regras de formação e de transformação desde o seu início, ou como a autora exemplifica, como “um conjunto de produtos e serviços de informação e das ações de transferência de informação” (GONZÁLEZ DE GÓMEZ, 1999, p. 63);
- b) os **Atores sociais**, “[que] podem ser reconhecidos por suas formas de vidas e constroem suas identidades através de ações formativas existindo algum grau de institucionalização e estruturação das ações de informação”. (GONZÁLEZ DE GÓMEZ, 2003b, p. 35).
- c) os **Artefatos de informação**, que constituem os modos tecnológicos e materiais de armazenagem, processamento e de transmissão de dados, mensagem, informação. (GONZÁLEZ DE GÓMEZ, 2002, 2003b).

Diante desse contexto, concordamos com Unger e Freire (2008, p. 85) em que os regimes de informação “são a substância que dão o caráter principal a um sistema social que passou por diferentes e longas fases até chegar ao estágio atual”. E se, como interpreta González de Gómez (2002, p. 85), a ‘sociedade da informação’ pode ser entendida como aquela em que “o regime de informação caracteriza e condiciona todos os outros regimes sociais, econômicos, culturais, das comunidades e do Estado”,

Para a American Library Association – ALA, o ideal é contribuir para criar uma ‘cultura informacional’, que é vista como um conjunto de aptidões desenvolvidas para a resolução de problemas de informação — localizar, avaliar e usar a informação com eficácia e efetividade (UNGER; FREIRE, 2008). Nesse sentido, a estrutura em redes mediada pela Internet é imprescindível para o atendimento às necessidades informacionais e a perspectiva de um olhar global sobre os recursos de um regime de informação local — neste caso a Universidade Federal da Paraíba — pode resultar em competências em informação para todos os participantes.

## 2.2 AS AÇÕES NO REGIME DE INFORMAÇÃO

O construto de ‘regime de informação’, proposto por González de Gómez (1999; 2002; 2003; 2004), designa o modo de produção informacional numa formação social, no qual ficaria estabelecido quem são os sujeitos, as organizações, as regras e as autoridades normativas no campo da informação. Trata-se do conjunto de determinações onde estão definidos os elementos que compõem o fluxo estrutural da produção, organização, comunicação e transferência de informações em um dado espaço social. Nesta perspectiva, a Ciência da Informação

[é] aquela que estuda fenômenos, processos, construções, sistemas, redes e artefatos de informação, enquanto ‘informação’ for definida por *ações de informação*, as quais remetem aos atores que as agenciam aos contextos e situações em que acontecem e aos regimes de informação em que se inscrevem. (GONZÁLEZ DE GÓMEZ, 2003, p. 61. Grifos nossos)

Assim posto, a autora analisa a informação/ação de informação na perspectiva de que estas constituem um conjunto de estratos heterogêneos e articulados, a saber:

- a) de **informação** (semântico-pragmática), estrato polimórfico que se define nos inúmeros setores da produção social sob a forma de ações narrativas;
- b) de **meta-informação**, estrato regulatório definido nos espaços institucionais do Estado, do campo científico, da educação formal, da legislação e dos contratos;
- c) de **infra-estruturas de informação**, estrato mimeomórfico dos objetos de informação, “definido na indústria e nos mercados das tecnologias, das máquinas e dos produtos” mediante “ações tecnoeconômicas, normas técnicas modelos” (GONZÁLEZ DE GÓMEZ, 2003, p. 34).

Nesse ponto de sua argumentação, González de Gómez (2003, p.36) se propõe “melhorar essa conceitualização da informação pela reconstrução do que sejam ‘ações de informação’, relacionando ‘ação social’ e ‘forma de vida’, [tal como propostas por Harry

Collins]”, entendendo<sup>4</sup> “que uma ‘forma de vida’ pode estar constituída pelas interações duradouras de um grupo que partilha de atividades, situações e experiências comuns”. Sua proposta de trabalho, baseada em Collins e Kush (1999), considera que as ‘ações formativas’ “são aquelas constitutivas de uma ‘forma de vida’, a qual singularizam e diferenciam em relação a outros modos de ação e formas de vida” (GONZÁLEZ DE GÓMEZ, 2003, p. 36). Assim,

Uma ação formativa, por exemplo, na academia, é apresentar uma comunicação num congresso. O que ‘fixa’ um significado, um discurso, ou pode pré-configurar um ‘artefato de informação’ em alguma de suas dimensões, não seria logo e em primeiro lugar a base material da inscrição, e sim as condições institucionais e as relações socioculturais entre os sujeitos – incluídas as relações de poder que articulam os artefatos e as infraestruturas de informação em regimes de informação. (GONZÁLEZ DE GÓMEZ, 2003, p. 36)

A autora concorda com Collins e Kush (1999, p. 19) em que estratos ou dimensões das ações de informação admitem outra leitura, conforme se trate de ações polimórficas ou ações mimeomórficas, esclarecendo que

Ações polimórficas são aquelas que só podem ser compreendidas por quem participa de uma cultura ou forma de vida. Nesse caso, a mesma ação, na mesma situação, pode ser executada conforme um número indefinido de comportamentos e, ao mesmo tempo, uma mesma instância de comportamento pode dar lugar a muitas e diferentes ações. Dado que são ações determinadas por regras, o modo “correto” de praticá-las só é possível para quem participa da forma de vida que é o contexto da ação. [...] (GONZÁLEZ DE GÓMEZ, 2003, p. 34)

Por sua vez,

Ações mimeomórficas seriam aquelas que poderiam ser reproduzidas tanto por um observador externo – alguém que não compreende sua intencionalidade nem seu contexto de geração –, quanto por quem compreende a ação (COLLINS; KUSH, 1999, p.21). São tipos de ações pré-modeladas que podem apreender-se através de exemplos, por treinamento. Tal como discar num telefone ou ‘clicar’ um ícone do *Windows*. (GONZÁLEZ DE GÓMEZ, 2003, p. 34)

A partir da abordagem de Collins, González de Gómez (2003, p.36) reconhece três modalidades de manifestação de uma ação de informação, conforme o contexto de sua constituição em um dado regime de informação:

- a) ação de informação de **mediação** (quando a ação de informação fica atrelada aos fins e orientação de uma outra ação);

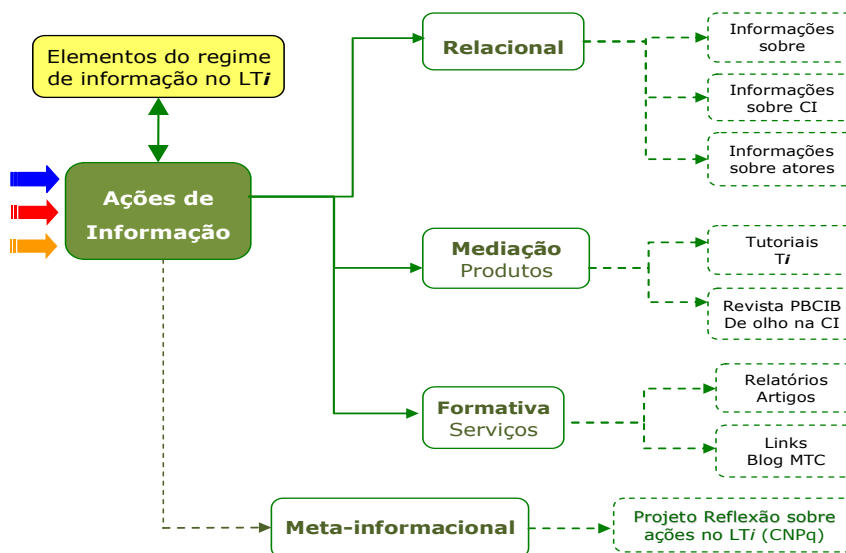
---

<sup>4</sup> Cf. GEERTZ, 1998.

- b) ação de informação **formativa** (aquela que é orientada à informação não como meio mas como sua finalização);
- c) ação de informação **relacional** (quando uma ação de informação tem como finalidade intervir numa outra ação de informação, de modo que – ainda quando de autonomia relativa – dela obtém a direção e fins)

Nesse contexto, as ações de pesquisa e as ações de informação integram um mesmo domínio de orientações estratégicas e, como consequência, “a política e a gestão da informação formarão parte do mesmo plano decisional e prospectivo ao qual pertence a política e a gestão da ciência e tecnologia” (GONZÁLEZ DE GÓMEZ, 2003a, p. 61).

**Figura 3** – Descrição das modalidades de ações de informação no LTI



**Fonte:** FREIRE, I.M. Notas de trabalho, jan. 2013.

Com este modelo de abordagem, argumentamos que o campo da Ciência da Informação pode proporcionar recursos teóricos e tecnológicos que promovam as competências necessárias para a socialização da informação. Neste caso, é possível propor uma ação que possibilite a união desses contextos em um espaço social onde cientistas e profissionais da informação possam desenvolver ações com vistas à gestão de recursos para promover a inclusão na Sociedade da Informação e do Conhecimento.

Para González de Gómez (2003, p. 38), essa abordagem singulariza a Ciência da Informação no campo científico e a coloca “numa posição preferencial para fortalecer o olhar comunicacional e gnosiológico em processos e domínios que até agora têm sido explicitados à luz de fatores econômicos ou tecnológicos”.



Nesse contexto, as ações da rede de projetos para disseminação, produção e comunicação da informação contribuem, conforme modelo teórico-operativo descrito, para o desenvolvimento de habilidades de busca, recuperação, propagação e apropriação de informações relevantes por usuários na sociedade — quadro de referência em que se fundamenta a proposta do L*Ti*.

### 3 CARACTERIZAÇÃO DAS AÇÕES DE INFORMAÇÃO NO L*Ti*

Os objetivos propostos nos auxiliaram na tarefa de identificar as características das ações de informação em desenvolvimento no L*Ti*, conforme descritas no modelo de González de Gómez. Nos três níveis de atividades do L*Ti*, a rede de projetos visa alcançar os seguintes objetivos:

- a) **na pesquisa** – propor, experimentar e avaliar um modelo de ação de informação para promover o compartilhamento de recursos de informação e a comunicação científica sobre a proposta e resultados (eventos, publicações);
- b) **no ensino** – contribuir, de forma propositiva, para qualidade do trabalho acadêmico nas disciplinas curriculares da graduação e pós-graduação;
- c) **na extensão** – promover oportunidades para transferência de tecnologias intelectuais, mediante oficinas presenciais e tutoriais on line para competências em informação, bem como prestação de serviços de referência na web.

Nesse sentido, observamos que as atividades podem ser vistas como “ações de informação, as quais remetem aos atores que as agenciam, aos contextos e situações em que acontecem e aos regimes de informação em que se inscrevem”, como esclarece González de Gómez (2003, p. 31) sobre o campo de interesse da Ciência da Informação. Ademais, o uso de termos como “compartilhamento de recursos de informação”, “contribuir de forma propositiva” e “promover oportunidades para transferência de tecnologias intelectuais” nos dá pistas sobre o pressuposto dessas atividades, qual seja a responsabilidade social da Ciência da Informação, na sociedade contemporânea.

Com relação à caracterização dos estratos dessas atividades enquanto ações de informação, devemos lembrar que esses estratos são heterogêneos e articulados, ocorrendo “de modo paralelo e simultâneo ao longo de todo o desenvolvimento de uma atividade ou processo” (GONZÁLEZ DE GÓMEZ, 2003, p. 33). Ou seja, no presente trabalho, a caracterização em um ou outro estrato específico tem uma finalidade heurística, auxiliando na percepção da aplicação das categorias teóricas à prática da pesquisa e desenvolvimento.

Assim, na perspectiva do estrato de **informação** (semântico-pragmático), trata-se de projeto direcionado ao setor científico e tecnológico da produção social, particularmente à comunidade acadêmica e aos profissionais da informação. Nesse sentido, o aspecto polimórfico da ação expressa as “heterogeneidades e singularidades dos [mundos de vida] dos sujeitos”, como esclarece González de Gómez (2003, p. 34) em relação às características desse estrato, procurando atender docentes, discentes, pesquisadores e profissionais técnicos.

Na perspectiva do estrato de **meta-informação**, as atividades da rede de projetos do **LTi** se inserem nos espaços institucionais do Estado (mediante as políticas governamentais de fomento à Ciência e Tecnologia), do campo científico (sendo um projeto de pesquisa), da educação formal (vinculado a instituição de ensino superior), da legislação (práticas são orientadas por regulamentos) e dos contratos (termos de concessão de recursos). É neste domínio regulatório que

[...] se estipula o domínio relacional [...] dentro do qual algo apresenta ou representa um valor de informação [...] o contexto a partir do qual aquilo que adquire caráter de informação pode desenvolver valores cognitivos, constituir evidências probatórias, servir de apoio a decisão ou ser insumo de ações instrumentais. (GONZÁLEZ DE GÓMEZ, 2003, p. 35).

Esse estrato é representado pelas atividades de pesquisa propriamente ditas, que concorreram a apoio institucional através de editais públicos de instituições de fomento à Ciência e Tecnologia e estão apoiadas em contratos de alocação de recursos, ou de programas específicos de apoio à atividade acadêmica na UFPB, concorrendo em programas de bolsas para graduação e pós-graduação. Este é o domínio relacional onde o Projeto **LTi** assume sua feição de informação em si, atendendo aos objetivos propostos nos três níveis da atividade universitária, quais sejam ensino – pesquisa – extensão, criando, nesse processo, evidências comprobatórias sobre a validade dos pressupostos teóricos da pesquisa e dos seus resultados.

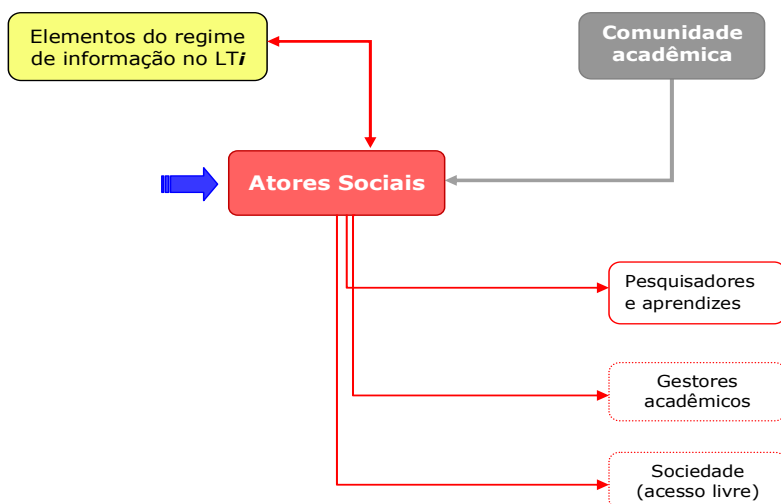
Por fim, o estrato mimeográfico de **infra-estruturas de informação**, “definido na indústria e nos mercados das tecnologias, das máquinas e dos produtos [... mediante ações tecnoeconômicas, normas técnicas, modelos” (GONZÁLEZ DE GÓMEZ, 2003, p. 34), diz respeito aos objetos de informação criados pelas atividades do **LTi**, dos quais o portal virtual é o principal representante. Este estrato

Remete àquilo que disponibiliza e deixa disponível, como sua mediação sócio-cultural, um valor de informação, e que poderíamos caracterizar como ação tecnoeconômica — de antecipação estruturante na configuração da ação/informação. [...]. (GONZÁLEZ DE GÓMEZ, 2003, p. 35)

Dessa forma, o Projeto LT*i* se caracteriza como uma informação/ação de informação de interesse para o campo da informação, compreendendo uma ação social direcionada para uma ‘forma de vida’ constituída “pelas interações duradouras de um grupo que partilha de atividades, situações e experiências comuns”, conforme González de Gómez (2003, p. 36) no campo da Ciência da Informação.

Ademais, trata-se de uma ‘ação formativa’ no sentido de Collins e Kush (1999), descrita por González de Gómez (2003) como aquela que é constitutiva de uma ‘forma de vida’ de um grupo, o qual singulariza e diferencia em relação a outros modos de ação e ‘formas de vida’. Nesse contexto, “os atores sociais [sujeitos] estão de acordo em seus conceitos porque [...] partilham uma realidade de ações possíveis e estão de acordo em suas ações porque [...] partilham uma rede comum de conceitos” (COLLINS; KUSH, 1999, p.11 citados por GONZÁLEZ DE GÓMEZ, 2003, p.36).

**Figura 4** – Descrição do regime de informação no LT*i*: atores sociais



**Fonte:** FREIRE, I.M. Notas de trabalho, jan. 2013.

Essa rede comum se traduz, efetivamente, em uma ‘cultura informacional’ compartilhada pelos atores sociais envolvidos em todos os níveis de atividade do LT*i*, os quais constituem a ‘forma de vida’ dessa comunidade.

Dessa forma, as ações desenvolvem entre os participantes uma sinergia para o trabalho a ser empreendido, além de gerar comprometimento com a efetiva construção de condições para sua realização, com o propósito de promover benefícios às pessoas e organizações. Representa, também, a oportunidade para as pesquisadoras proponentes tecerem, no tear da

Ciência da Informação, um padrão que (re)una informação em nível da integração entre pesquisa – ensino – extensão na universidade.

Esperamos, ademais, com essas ações de informação, dar nossa contribuição ao processo de acesso, apropriação e uso de informações relevantes para a vida pessoal e profissional de diferentes pessoas e diferentes grupos, na sociedade contemporânea, com especial interesse na comunidade acadêmica.

**REFLECTION BRIEF ON INFORMATION ACTIONS IN INTELLECTUALS TECHNOLOGY  
LABORATORY - LT*i***

**ABSTRACT**

*Presents a reflection on the information regime in the Project Technologies Laboratory Intellectuals - LT*i* Department of Information Science at the Federal University of Paraíba. Share results of research with the aim to monitor, discuss and evaluate the actions of LT*i* in developing information and analyzes activities from model information actions proposed by Gonzalez Gomez. Summarizes the theoretical and methodological framework that covers the approach of information regime, the scope and procedures of the research, and describes a network of LT*i* projects in view of the strata, and modalities of action information, as well as their social actors.*

**Keywords:** *Network concept. Information regime. Shares information. Information policies. Intellectuals Technology Laboratory - LT*i*.*

**REFERÊNCIAS**

COLLINS, H. M.; KUSH, M. **The shape of actions:** what humans and machines can do. Cambridge, Mass: MIT Press, 1999. p. 11-21.

DELAIA, C. R. **Subsídios para uma política de gestão da informação na EMBRAPA Solos.** 2008. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação). Niterói: IBICT – UFF, 2008.

FREIRE, I. M. **Projeto Laboratório de Tecnologias Intelectuais – LT*i*.** João Pessoa: DCI: PPGCI: UFPB, 2012. Relatório de acompanhamento.

\_\_\_\_\_. \_\_\_\_\_. João Pessoa: DCI: PPGCI: UFPB, 2012. Notas de trabalho.

\_\_\_\_\_. \_\_\_\_\_. Relatório 2009-2010. João Pessoa: DCI: PPGCI: UFPB, 2012.

\_\_\_\_\_. \_\_\_\_\_. **Projeto Laboratório de Tecnologias Intelectuais – LT*i*.** João Pessoa: DCI: PPGCI: UFPB, 2011. Notas de trabalho.

FROHMANN, B. Taking information policy beyond information science: applying actor network theory. In: ANNUAL CONFERENCE OF THE CANADIAN ASSOCIATION FOR INFORMATION SCIENCE / ASSOCIATION CANADIENNE DES SCIENCES DE L'INFORMATION, 23, 1995. Edmonton. **Electronic proceddings...** 14p. Disponível em: <http://www.cais-acsi.ca/1995proceedings.htm> ou <http://www.fims.uwo.ca/people/faculty/frohmann/actor.htm>. Acesso em: 10 maio

MPGOA, João Pessoa, v. 4, n. 1, p. 45-58, 2015

2005.

GEERTZ, C. **O saber local**. Petrópolis: Vozes, 1998.

GONZÁLEZ DE GÓMEZ, M.N. As relações entre ciência, Estado e sociedade: um domínio de visibilidade para as questões da informação. **Ciência da Informação**, Brasília, D.F., v. 32, n. 1, p. 60-76, 2003a.

\_\_\_\_\_. Da política de informação ao papel da informação na política contemporânea. **Revista Internacional de Estudos Políticos**, v. 1, n. 1, p. 57-93, 1999.

\_\_\_\_\_. **Escopo e abrangência da Ciência da Informação e a Pós-Graduação na área: anotações para uma reflexão**. **Transinformação**, Campinas, v. 15, n. 1, p. 31-43, 2003b.

\_\_\_\_\_. Novas fronteiras tecnológicas das ações de informação: questões e abordagens. **Ciência da Informação**, Brasília, D.F., v. 33, n. 1, 2004.

\_\_\_\_\_. Novos cenários políticos para a informação. **Ciência da Informação**, Brasília, D.F., v. 31, n. 1, p. 27-40, 2002.

LÈVY, P. **Cibercultura**. São Paulo: Ed. 34, 1999.

LÈVY, P. **As tecnologias da inteligência**: o futuro do pensamento na era da informática. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1994.

UNGER, R.J.G.; FREIRE, I.M. Regimes de informação na sociedade da informação: uma contribuição para a gestão de informação. **Revista Digital de Biblioteconomia e Ciência da Informação**, v. 4, n. 1, p. 87-114, jan./jun. 2008.

WERSIG, G. Information science: the study of postmodern knowledge usage. **Information Processing & Management**, v. 29, n. 2, 1993.

\_\_\_\_\_; NEVELING, U. The phenomena of interest to information science. **The Information Scientist**, v.9, n.4, 1975.